

## APAS: CONSTRUINDO A IDENTIDADE SURDA

Edmara Brito [Machado-edmaraphb@hotmail.com](mailto:Machado-edmaraphb@hotmail.com)

Maria Eliza Pereira [Chaves-eliza-chaves@hotmail.com](mailto:Chaves-eliza-chaves@hotmail.com)

Suzete Maria de Sales dos [Santos-suzy20081@hotmail.com](mailto:Santos-suzy20081@hotmail.com)

Orientador: Prof. Msc. Elido da Silva Santiago

### RESUMO

O surdo enfrenta dificuldade em inserir-se na sociedade ouvinte, visto que este espaço não permite a ele reafirmar sua identidade e cultura surda. Assim, diante da necessidade de um ambiente que os acolham é fundado a APAS (Associação de Pais e Amigos de Surdos) com o intuito de incluir pessoas surdas no convívio com a sociedade ouvinte, além de proporcionar sua língua materna LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), através do contato com outros surdos compartilhando suas dificuldades e superações tornando esse ambiente acolhedor. Diante essa situação, decidimos conhecer um pouco mais sobre o funcionamento desta instituição que é tão importante e que permite ao surdo seu reconhecimento. Assim temos como objetivo compreender os fatores que tornam esse ambiente acolhedor, identificando como se dá esse processo e de que forma ele contribui para a construção da identidade surda. Desta forma, para estudo dessa temática propomos realizar uma pesquisa qualitativa objetivando conhecer as causas que contribuem para um ambiente acolhedor e os métodos utilizados pelos educadores desta instituição para alcançar este propósito. Para realização deste diagnóstico usamos métodos e técnicas como entrevista semiestruturada, observações e questionários que puderam favorecer esta pesquisa buscando refletir criticamente diante dos resultados apresentados. Desse modo, foi possível perceber que o que faz o surdo se identificar com o local não tem nada haver com as condições físicas do ambiente, mas sim de que forma ele vive sua cultura, quem compõe este ambiente respeitando sua língua e assim podendo se relacionar por igual com os demais.

**PALAVRAS CHAVES:** Cultura; Identidade Surda; Bilinguismo; Apas.

### 1. INTRODUÇÃO

O surdo na cidade de Parnaíba-PI tem a necessidade de um espaço que possa contribuir para construção de sua identidade e sua cultura. Essa construção pode-se dá através do contato com pessoas surdas para reafirmar sua identidade e também com ouvintes para inserir-se na sociedade. Porém a maioria da sociedade ouvinte vê o surdo como uma pessoa impossibilitada de conseguir realizar qualquer atividade que a sociedade venha a lhe impor, sendo considerados incapazes de ter autonomia como afirmam Mariana Marques e Jozibel Barros (2009, p.13). Não permitindo ao surdo o direito de ter sua própria identidade levando-os a oralizar o que não é bom para os surdos, pois o que eles querem é serem aceitos e respeitados pela comunidade ouvinte.

Diante dessa situação, o surdo busca refúgio em comunidades que tenham sua mesma cultura, pois segundo Muller (2008, p.34) a cultura surda é entendida como uma identidade

cultural de surdos que se definem como grupos diferentes de outros grupos. Uma vez que, nesses ambientes eles se sentem seguros e acolhidos por pessoas semelhantes a eles facilitando sua comunicação, além de serem instruídos a partir de sua língua materna (LIBRAS).

Quanto aos espaços que buscam inseri-los no meio social, as instituições de ensino regular é uma das que merecem atenção, pois suas ideias são boas quanto à inclusão de surdos em ambientes escolares, porém em sua execução essas instituições que deveriam ensinar a LIBRAS como língua materna, não ensinam. Sendo que o surdo ao ser inserido dentro do espaço escolar ele passa a receber um ensino a partir da língua oral o que implica na exclusão de sua própria língua.

Os estabelecimentos de ensino regulares não oferecem o que o surdo precisa para se desenvolver, ou seja: uma língua compartilhada em sala de aula, onde todos possam se comunicar livremente, sem precisar fingir que entendeu e que sabe o que é desconhecido. A língua de sinais é a ferramenta essencial para que o surdo obtenha êxito em suas atividades, sejam elas familiares, sociais, culturais ou profissionais.(ALEXANDRA ALBANO, 2009

Compreendendo a necessidade de um espaço que os acolham tem-se a iniciativa de fundar uma associação de surdos e assim surge a APAS (Associação de Pais e Amigos de Surdo) em Parnaíba-PI com intuito de incluir pessoas surdas no convívio com a sociedade ouvinte, além de proporcionar sua língua materna LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), através do contato com outros surdos compartilhando suas dificuldades e superações.

A escolha da temática partiu da curiosidade das participantes deste artigo de conhecer melhor o funcionamento da APAS (Associação de Pais e Amigos do surdo), no intuito de analisar como é feito o trabalho desta associação. Esta deveu-se também a uma participação de um evento ocorrido na UFPI (Universidade Federal do Piauí) e organizado pela APAS com o eixo temático: Uma Consciência Surda; Onde, foi abordado sobre a aceitação do surdo como um ser capaz de viver e conviver com pessoas iguais e diferentes deles, ou seja, a classe ouvinte. Por isso, este estudo visa passar para os outros que não conhecem a realidade surda, que muitas das vezes o ser humano surdo vive sem ser devidamente percebido, mas que este ser também é capaz de viver em sociedade como todo ser ouvinte.

Diante essa situação decidimos conhecer um pouco mais sobre o funcionamento dessas aulas que é tão importante para esses alunos e que permite a ele o seu reconhecimento. Assim temos como objetivo compreender os fatores que tornam esse ambiente acolhedor,

identificando como se dá esse processo e de que forma ele contribui para a construção da identidade surda.

## **2. CULTURA SURDA E BILIGUISMO FATORES PARA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA**

O surdo é uma pessoa que possui surdez, faz uso de uma comunicação visual, onde através das mãos pode falar e se expressar utilizando a LIBRAS (língua brasileira de sinais) como sua língua materna. Priscila Lima (2010, p.52) define surdez como “a perda total ou parcial, congênita ou adquirida da capacidade de compreender a fala por intermédio do ouvido”.

Portanto o grau de surdez pode ser definida como surdez total ou parcial que pode ser classificada como leve (de 20 a 50 dB), moderada (de 50 a 70 dB), severa (de 70 a 90 dB) e profunda (acima de 90 dB). Quanto à causa da surdez não existe um diagnóstico exato como afirma Marchesi 2004 (apud Priscila, 2010, p.54), porém as causas mais conhecidas são a congênita, onde ocorre no período de gestação, a hereditária que é herdado geneticamente e a adquirida que ocorre após o nascimento.

Diante da necessidade do surdo em se comunicar, este, faz uso da LIBRAS, compreendida pela Secretaria de Educação Especial (2004, p.19) como “ uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua natural usada pela comunidade surda brasileira”. Esta por sua vez, contém uma gramática própria, com parâmetros constituídos de sinais que podem ser nomeados como configuração de mão, ponto de articulação, locomoção, movimento e orientação da palma da mão que através da combinação destes, o surdo formará palavras e frase para se comunicar. Embora LIBRAS seja uma língua a comunidade ouvinte não entende e não aceita desta forma.

A língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais. (GESSER, 2009, p.22)

Através da língua de sinais os surdos se caracterizam como um grupo com crenças, hábitos e valores semelhantes que buscam defender seus direitos e interesses como um grupo social construindo assim, sua própria identidade diante dos fatores culturais vivenciado. Segundo Carla Vidal (2011) “A cultura surda é aquela que reflete os costumes e as características das pessoas que desenvolveram através das habilidades visuais, manuais,

gestuais e corporais, a sua maneira de estar no mundo, a sua maneira de se fazer no mundo, assim como qualquer outro tipo de cultura”.

Porém, mais uma vez a comunidade ouvinte não consegue admitir que o surdo tenha sua devida cultura não compreende o significado transferido a esta. Padden e Humphires (2000) relatam que a cultura é tida como um conjunto de comportamentos adquiridos por um determinado grupo de pessoas que possuem uma língua, regras de comportamento e tradições próprias. Logo não se justifica a argumentação ouvinte em não admitir este fato, pois a cultura surda tem todas essas características e, além disso, o surdo simplesmente quer é ser aceito como ele é, um ser humano capaz de realizar qualquer tarefa imposta pela sociedade, apenas o que difere é que o ouvinte fala através da oralização, o português, e o surdo fala através das mãos, a língua de sinais.

Não se trata somente de reconhecer a diferença cultural do povo surdo, e sim, além disso, de perceberem a cultura surda através do reconhecimento de suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorização de suas formas de viver e de se relacionar. (karlin Strobel, apud, GRESSER, 2009, P.53)

Deste modo, para os surdos é de fundamental importância conviver em um ambiente que ele seja aceito como é, onde possam se expressar com a sua língua sem que sofram preconceitos. Podendo ter sua cultura, compreendendo que todo ser tem direitos e deveres que precisam ser respeitados. Assim como defende a UNESCO (2008):

A nova cidadania, da sociedade contemporânea baseia-se na ideia de que cada pessoa é um sujeito de direitos. No caso das pessoas com deficiência, isto significa que o indivíduo não deve ser mais visto como alguém dependente de cuidados ou que precisa permanentemente de assistência, mas como uma pessoa com voz e vontade próprias. Ser sujeitos de direitos significa que qualquer um, ou qualquer uma, tem o direito de ter direito.

Portanto, é direito do surdo, ter uma língua, que possa se expressar, havendo assim uma comunicação. Pois o fato de ser surdo não o impede de manifestar seus pensamentos em sociedade. Além de que eles necessitam de uma língua (um dos instrumentos que caracterizam um povo) para se reafirmarem como comunidade surda.

Vale ressaltar que a língua de sinais sofre alterações de acordo com a cultura que se vive, como por exemplo, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) em relação a Signal Language EUA, (Língua de Sinais Americana) ocorre algumas diferenças, como já mencionado devido a cultura local ou regional, ou seja até mesmo dentro do próprio país em seus estados podem haver alterações quanto aos sinais. Isto ocorre também na língua portuguesa como, por exemplo, a FRUTA DO CONDE assim conhecida no sul do Brasil, é

conhecida no nordeste como ATA, a mandioca conhecida assim no nordeste também recebe o nome de aipim no sul e sudeste do país entre outras.

As pessoas surdas usam a LIBRAS como língua materna, mas isso não as impedem de terem outras, de serem bilíngues. Principalmente por que, embora eles façam parte de uma comunidade surda estão inseridos em uma sociedade ouvinte, quer queira ou não, faz se necessário uma aproximação entre ambos. Pois “o bilinguismo propõe que o surdo comunique-se fluentemente na sua língua materna (língua de sinais) e na língua oficial do seu país” PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO (2009). Assim, tanto a sociedade ouvinte deveria aprender LIBRAS, como a comunidade surda o Português, para que haja de fato inclusão.

A educação de surdos tem se tornado, um assunto muito debatido quanto ao bilinguismo, pois embora o surdo saiba sua língua materna, a LIBRAS, não basta apenas sabê-la, deve-se apropriar também da língua portuguesa para inserir-se numa sociedade bilíngue. Uma vez, que o surdo necessita do bilinguismo para que possa viver pacificamente numa sociedade ouvinte. Por exemplo, existe alguma possibilidade de alguém se inserir em outro país, sem conhecer a sua língua? A resposta para essa questão, esta estritamente ligada à questão do bilinguismo, o surdo precisa, ter conhecimento e entender a língua portuguesa para assim se tornar um cidadão letrado, fazendo uso da mesma, e assim inserir-se no meio social.

O primeiro passo começa quando o aluno frequenta a escola que se diz ser para todos, porém essa tão falada e almejada inclusão não acontece por completo, visto que, muitos professores não sabem utilizar-se da língua de sinais e o interprete que deveria ter na sala para auxiliar o aluno surdo, não tem. Diante dessa situação, o aluno surdo tenta acompanhar a turma com os conteúdos na medida do possível, mesmo não entendendo o que esta sendo repassado pelo professor, conseqüentemente, vai perdendo o interesse em continuar na escola.

O aluno surdo não deve ser “levado a desistir” de estudar. Lamentavelmente este “convite” está presente de forma silenciosa e subliminar nas salas de aulas brasileiras que não respeitam as necessidades específicas desse aluno, a exemplo da não representação da técnica da descrição visual sinalizada como atributo a cognição visual. (LUIZ FALCÃO, 2010, p.276)

Assim, como se pode falar em inclusão se o próprio sistema não dispõe de meios que favoreça esta? A LDB defende em seu artigo 58 que “o ensino seja ministrado a todas as crianças, jovem e adulto com necessidades especiais, preferencialmente no sistema comum de educação”. Porém, essas salas de aula não estão preparadas, muita teoria, mas na prática a realidade é outra, não há condições de fato de acontecer um ensino adequado com qualidade, principalmente quantos os alunos com surdez profunda que não conseguem mesmo com o uso

do aparelho auditivo ouvir o suficiente para oralizar, visto que com ou sem aparelho ele não decodificará os sinais emitidos, como define os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999, p.08) “Surdez severa/profunda: perda auditiva acima de 70 decibéis, que impede o indivíduo de entender, com ou sem aparelho auditivo, a voz humana, bem como de adquirir, naturalmente, o código da língua oral”.

Portanto, mesmo mediante de tantas dificuldades e superações o surdo vai aos poucos construindo o seu espaço na sociedade. Uma delas começa a partir do momento que ele passa a fazer uso do bilinguismo, propiciando melhores condições de sobrevivência, além de ir se construindo através das relações tanto com ouvintes como com surdos. Desta forma tornando-se , um cidadão capaz de inserir-se no mundo, onde todos saibam de seus direitos e deveres.

### **3. METODOLOGIA**

Compreendendo que a APAS é vista pelos alunos surdos como um ambiente acolhedor, onde todos são aceitos pelo que são, vivenciando sua língua materna, contribuindo assim, para a autonomia do surdo, além de ser um fator fundamental para construção de sua identidade. Desta forma para estudo da temática propomos realizar uma pesquisa qualitativa objetivando conhecer as causas que contribuem para um ambiente acolhedor e os métodos utilizados pelos educadores desta instituição para alcançar este propósito. Para realização deste diagnóstico usamos métodos e técnicas como entrevista semiestruturada, observações e questionários que puderam favorecer esta pesquisa buscando refletir criticamente diante dos resultados apresentados.

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das apresentações das crenças, das percepções e das opiniões, produto das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos a si mesmos, sentem e pensam. [...] além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação. (MINAYO, 2006, p.57)

Realizamos também, uma análise exploratória na tentativa de conhecer a realidade da sala de aula da APAS identificando todos os fatores possíveis. Portanto a pesquisa exploratória consiste:

[...] no estudo dos dados a partir de todas as perspectivas e com todas as ferramentas possíveis, incluindo as já existentes. O propósito é extrair toda a informação possível, gerar novas hipóteses no sentido de construir conjecturas sobre a observações que dispomos. (BATANERO; ESTEPA; GODINO, 1991, p.2).

Portanto, os instrumentos dessa pesquisa constituíram de uma entrevista semiestruturada que permite ao entrevistado sentir-se confortável para responder as questões

propostas. Segundo Ludke (1986) “a entrevista semiestruturada, se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o investigador faça as necessárias adaptações”. As entrevistas foram gravadas e seguidas de anotações durante o momento da gravação, para que uma complemente a outra. As questões formuladas são pertinentes à temática estudada. Quanto às observações, serão feitas durante todo momento da pesquisa. Por fim, formulários intercalando entre aberto e fechado para coleta de informações mais precisas.

Diante desta análise temos como sujeitos desta pesquisa os alunos da APAS e a professora, pois compreendemos que a partir da forma como a professora propõe suas aulas de como planeja, permitirá ao aluno ver esse ambiente como um local que os acolham favorecendo o contato com sua língua materna. Assim teremos como objeto de estudo o ambiente acolhedor da APAS.

Esta pesquisa tem como fundamentação teórica leitura de livros e artigos relacionados com o tema em questão, compreendendo que todos os recursos utilizados irão contribuir para construção do nosso conhecimento, além de favorecer para uma pesquisa segura e confiável. Portanto após este embasamento teórico estaremos mais confiantes para realizar a pesquisa na APAS. Dessa forma, os dados coletados a partir das entrevistas, do questionário e das observações serão analisados, catalogados e servirão como apoio para nosso artigo.

Com o intuito de conhecer melhor a realidade desse ambiente que é a APAS, decidimos realizar uma visita de campo a essa associação para aprofundar nosso conhecimento, entendermos como se desenvolvem as aulas, conhecer que metodologia é utilizada, os conteúdos apresentados aos alunos e os objetivos que se pretende alcançar diante dos métodos utilizados por esta. Sendo assim, demos nomes fictícios às pessoas entrevistadas para que possa ser mantido o sigilo de seu nome e facilitar à compreensão do leitor quanto sua identificação, então nomearemos a presidente da associação como Rosa, a instrutora como Juliete e o filho da presidente como Arthur. Tendo ainda a ressaltar que nos referimos a Juliete como instrutora por ela se considerar assim, visto que para ela professor é diferente de instrutor preferindo ser chamada de instrutora.

#### **4. ANALISE DOS RESULTADOS**

A seguir detalharemos os resultados obtidos divididos em 3 seções. Sendo a primeira sobre o Histórico da organização, relatando as várias mudanças sofridas pela APAS em busca de um espaço adequado para realizar seu trabalho. A segunda sobre a Estrutura Física e de

peçoal, pois mesmo conseguindo um lugar para se estabelecer passa por varias dificuldade em sua estrutura, ainda assim, dispõe de uma instrutora que mesmo diante de todas estas dificuldades não abandonou a APAS. E a terceira, fala sobre a didática e identidade surda, abordando o método utilizado pela instrutora e como estes contribuem para que o aluno surdo se identifique em sua cultura.

#### **4.1. Histórico**

Diante desta visita, Rosa a presidente da APAS, disse brevemente sobre o processo de fundação da associação que partiu da facilidade de seu filho Arthur que é surdo em se comunicar com outros surdos, formando assim, um grupo de surdos e também diante das dificuldades enfrentada por eles (surdos) em se inserirem na sociedade ouvinte. Diante desta situação percebeu a necessidade de fundar uma associação para que tanto seu filho como outros surdos pudessem se sentir acolhidos construindo uma identidade própria através da sua língua, crenças, hábitos e valores semelhantes contribuindo para que a cultura surda esteja sempre presente na vida destas pessoas surdas.

Esta associação teve inicio em 2009 onde funcionava no quintal da casa de Rosa, tendo como instrutora Juliete, que aprimorava cada vez mais seus conhecimentos em LIBRAS com a ajuda de Arthur devido à habilidade do mesmo em se comunicar na língua de sinais. Tempos depois percebeu que o espaço poderia melhorar então conseguiram com a prefeitura uma sala em uma escola municipal para continuarem o trabalho da associação, entretanto nem sempre a escola estava disponível, pois ao irem para as aulas encontravam o portão fechado. Desse modo, Rosa decidiu alugar um espaço em uma rua da cidade de Parnaíba, para que esta situação na se repetisse, tendo assim, um espaço próprio.

#### **4.2. Estrutura Física e de Pessoal**

Este espaço alugado, ainda não é adequado como Rosa gostaria, havendo alguns empecilhos como, por exemplo, à estrutura da associação, pois o espaço é pequeno para acolher a todos. As cadeiras são inadequadas visto que, não possuem braço para que os alunos possam escrever, além de que muitas destas são emprestadas o que torna um tanto incomoda para a associação ficar sempre pedindo as pessoas, porém, é gratificante para estes colaboradores cederem às mesmas. Quanto ao quadro acrílico além de ser pequeno é emprestado e a mesa nem mesmo tem para que a instrutora possa colocar seu material. Portanto, diante destas dificuldades a APAS busca um local mais amplo com melhores estruturas uma vez que não dispõe de recursos para custear este local tão almejado por todos,

as quais fazem parte. Necessitando do apoio de colaboradores e de conscientizá-los do papel que a APAS exerce na vida do surdo.

Para realização das aulas a associação dispõe de uma instrutora que a acompanha desde o início de sua fundação, Juliete possui capacitação em LIBRAS o que facilita seu trabalho com os alunos surdos. Pois, muitos destes alunos enfrentam vários problemas em suas vidas assim como qualquer pessoa dita “normal”. Porém, ele não consegue relatar suas angústias com seus familiares e parentes próximos, buscando refugio em pessoas que falem sua língua nesse caso, a instrutora da APAS. Que de acordo com a mesma exerce a função de mãe, tia, psicóloga, assistente social e amiga, passando a eles a sensação de serem acolhidos neste ambiente o que é gratificante para eles.

### **4.3. Didática e Identidade Surda**

O trabalho realizado nesta associação se dá a partir da necessidade do surdo em inserir-se na sociedade ouvinte como se relacionarem com estes, reforçando assim o dia-a-dia desses alunos que sentem dificuldade em comunicar-se com os ouvintes, devido estes não conhecerem a LIBRAS que conseqüentemente acarreta para os surdos a perda de sua língua passando a utilizar-se de gestos para serem compreendidos o que não é bom para eles, pois dessa forma o surdo aos poucos vai perdendo sua própria identidade.

Diante desta situação Juliete trabalha em cima da problemática gestualidade, pois é comum a todos os surdos desta associação utilizar-se de gestos para se comunicarem tanto com os ouvintes quanto com os surdos. Desta forma, a LIBRAS é ensinada desde os mais simples sinais até o mais complexos, visto que o público alvo não conhece a língua de sinais.

Partindo desta circunstância Juliete ensina através de figuras e objetos, onde o surdo deverá conhecer o sinal destas figuras ou objetos além de saber como escrever o nome destas na língua portuguesa. Isto porque de acordo com a presidente da associação o surdo também deve conhecer a língua escrita para que possa ter domínio de ambas. Enfatizando o trabalho com figuras, revistas e fotos de sua cidade para que o surdo possa conhecer os principais pontos podendo circular sem que se percam construindo assim sua autonomia perante os obstáculos impostos pela sociedade.

A instrutora vê a APAS como um único local de apoio para os surdos que buscam refúgio e aceitação visto que a própria família não acompanha o trabalho realizado pela associação. Além de que nem mesmo os próprios estabelecimentos escolares da rede regular

de ensino contribuem para que o surdo se sinta incluído, que de acordo com Juliete a APAS é de fundamental importância para inseri-lo na sociedade.

No entanto, esta inclusão não se concretiza, visto que existe uma precariedade quanto à presença de intérpretes nas escolas, além de não haverem professores que dominem a língua de sinais e que não contribuem para que o aluno surdo possa acompanhá-lo durante a aula. Pois é conhecido que o surdo utiliza-se do contato visual, sendo assim necessário que o professor fale sempre de frente para ele para que possa ver o movimento realizado pela boca para que possa compreender o que está sendo falado. Porém, nem sempre este caso acontece o que acarreta na evasão das crianças surdas, por não se sentirem incluídas devido ao grau de dificuldade imposto a elas que muitas vezes recorrem a APAS para a continuidade dos estudos.

A metodologia utilizada pela instrutora é diferente da que eles vêm no ensino regular, fator esse que os atrai a participar destas aulas que se dá a partir de discussões em libras sobre situações do seu cotidiano. Desta forma, eles se sentem acolhidos e capazes de expressarem suas ideias sabendo que serão compreendidos levantando, assim sua autoestima. Contudo como já mencionado anteriormente os recursos manejados por Juliete são simples, porém é de fundamental importância para que o surdo comece a construir sua identidade através da sua língua, visto que o ambiente é propício. Estas aulas acontecem de três a quatro vezes por semana em horários que possam ser acessíveis a eles. Isto devido à maioria já trabalharem, oportunidade esta conseguida pela APAS em divulgar para as empresas o currículo de seus alunos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve como propósito conhecer sobre o funcionamento das aulas na APAS, para compreendermos que fatores tornam esse ambiente acolhedor a ponto do surdo se identificar de tal forma a ele. Logo diante da pesquisa realizada foi possível perceber que o que faz o surdo se identificar com o local não tem nada haver com as condições físicas do ambiente, mas sim de que forma ele vive sua cultura, quem compõe este ambiente respeitando sua língua e assim podendo se relacionar por igual com os demais.

O surdo busca um espaço que aceite e o respeite, independente de sua diferença. Visto que ele é normal como qualquer pessoa apenas o que difere ele dos demais é a forma de se comunicarem em uma língua diferente, a LIBRAS, o que é comum em qualquer comunidade fazer uso de sua própria língua. Porém, há empecilhos que os impedem de

inserir-se na sociedade a começar pela própria escola que diz ser inclusiva, mas na verdade exclui o surdo, não possibilitando recursos visuais para que este possa se expressar manifestando suas ideias e construindo novos saberes.

Esta maneira de agir limita o surdo apenas a ser um mero aluno sem capacidade de pensar, pois, isto é o que muitos pensam, que o aluno surdo não tem competência para construir seu conhecimento, que é lesado. É, realmente não saberá questionar e participar se ele não tiver espaço para que isto aconteça. Eles estão em nosso meio tentando mostrar que são capazes, mas temos a mente tão fechada que não permite que a informação chegue de forma diferente da língua oral. Assim cada vez que o surdo enfrenta essas dificuldades em aceitação ele sabe que pode contar com o apoio da APAS. Esta ajuda é muito bem vinda, mas será que é somente lá que ele deve se sentir bem? Certamente que não, ele tem todo direito de se sentir bem em qualquer lugar desses para se comunicar, mas para isso acontecer ele tem que ser visto como um ser pensante capaz de desenvolver seu intelecto como qualquer outra pessoa.

Muitas questões quanto à identidade surda ainda precisam ser levantadas, assuntos para pesquisas posteriores, a exemplo, de que forma o governo diz incluir estes alunos nas escolas, sem profissionais capacitados, como os professores poderão contribuir por esta causa se o próprio sistema não dá meio para que isso aconteça, como o surdo assegurar sua identidade diante desta situação. Além de nos indagarmos da falta de conhecimento da comunidade parnaibana em apoiar a causa da APAS, visto que durante esta pesquisa foi possível perceber a falta de conhecimento da população local em relação a APAS, até mesmo os moto táxi não sabiam onde ficava e nem o que era esta associação. Podendo perceber a necessidade de mostrar a sociedade o trabalho realizado pela APAS que tanto possibilitar aos surdos assegurarem sua identidade surda.

Portanto este ambiente que é tão propenso para que eles construam sua identidade passa por muitas dificuldades que leva-nos a indagarmos como a APAS vem sobrevivendo diante de tantas barreiras durante sua caminhada. E compreendemos que o que faz com que ela tenha resistido é exatamente a força de vontade e determinação de todos que a compõe na tentativa de serem reconhecidos como comunidade surda. Que como Padden e Humphires (apud STROBEL, 2008, p.31) afirmam, “comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vivem (*sic*) juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras”.

## REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA.

ALBANO, Alexandra Maria dos Santos. **Letramento para surdos** – um novo olhar sobre as práticas pedagógicas. Disponível em < [www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as -práticas-pedagogicas/20088/](http://www.webartigos.com/artigos/letramento-para-surdos-um-novo-olhar-sobre-as-praticas-pedagogicas/20088/)> acesso em 21 de junho de 2009.

BATANERO C.; ESTEPA A.; GODINO J.D. **Análisis exploratorio de datos: sus posibilidades en la enseñanza secundaria**. Suma, 9, 25-31. 1991.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultural/Secretaria de Educação Fundamental/Secretaria de Educação Especial. MEC/SEF, *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Adaptações curriculares. Estratégias para Educação de alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Brasília, 1999.

CALDAS, Waldenyr, **O que todo cidadão precisa saber sobre cultura**. São Paulo: Global, 1986.

FALCÃO, Luiz Albérico. **Surdez, Cognição Visual e Libras**: estabelecendo novos diálogos. Recife: Ed do Autor, 2010.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2010.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: Abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Hucitec, 2006.

Secretaria de Educação Especial. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Editora UFSC. 2008.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

VIDAL, Carla. **Cultura Surda**. Disponível em <<http://pt.shvoong.com/society-and-news/culture/2131534-cultura-surda/>> acesso em 11 de março de 2011.

BARROS, Josibel Pereira; DA HORA, Mariana Marques. **Pessoas Surdas: Direitos, Políticas Sociais e Serviço Social**. disponível em <[http:// editora-arara-azul.com.br/portal/media/k2/attachments/politicas.pdf](http://editora-arara-azul.com.br/portal/media/k2/attachments/politicas.pdf)> acesso em 2009

FERNANDES, Eulalia (org.). **Surdez e Bilinguismo**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO. O Bilinguismo Aplicado a Educação Disponível em [http://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O\\_BILINGUISMO\\_APLICADO\\_%C3%80\\_EDUCA%C3%87%C3%83O\\_ESPECIAL\\_DE\\_SURDOS](http://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O_BILINGUISMO_APLICADO_%C3%80_EDUCA%C3%87%C3%83O_ESPECIAL_DE_SURDOS) acesso em 31 de dezembro de 2009.

UNESCO. **Inclusão digital e social de pessoas com deficiência: textos de referencia para monitores de telecentros**, Brasília, DF: UNESCO, 2007. Disponível em: [http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/inclusao\\_digital\\_social\\_pessoas\\_deficientes.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/inclusao_digital_social_pessoas_deficientes.pdf). Acesso em 24 dez. 2008.